

Entre os conceitos que constituem problemas na atualidade, e não eram tidos por extraordinariamente problemáticos no passado, figura o conceito da complexidade. É curioso este aparecer e desaparecer de problemas ao longo da história do pensamento. Um conceito ocupa como que o centro do palco por algum tempo, é iluminado por projetores de vários ângulos, passa para a penumbra da atenção, é eliminado inteiramente da cena durante séculos, reaparece de repente, e quando reaparece não parece ser o mesmo conceito de antes. Veja-se por exemplo o conceito da memória, e se se trata do mesmo conceito que ocupava a atenção dos platônicos e que ocupa atualmente a atenção dos interessados em computadores. E outros exemplos de conceitos erraticos poderiam ser citados. E há outros conceitos que ocupam sempre o centro do palco, problemas eternos, do tipo "vida e morte", embora também em tais casos a pergunta é legítima se a eternidade do nome não mascara uma fluidez do conceito. Será que "vida e morte" no século 20 depois de Cristo têm o mesmo significado que tiveram no século 20 antes de Cristo? E haverá um método que permite responder a esta pergunta? (Porque é perfeitamente imaginável que o século 20 antes de Cristo tenha proposto soluções para o problema da vida e da morte, soluções essas conservadas na literatura e agora descobertas, e as quais, lidas atualmente, significam algo inteiramente diferente daquilo que significavam para os seus autores.)

Mas há um terceiro grupo de problemas. Podemos chamá-los de "problemas novos". Não necessariamente no sentido de não ter existido o conceito no passado, mas no sentido de não ter, no passado, constituído problema. Tais problemas caracterizam a atualidade, já que a distinguem obviamente do passado. E a complexidade me parece ser um deles. Não pode haver dúvida que se trata de um problema central atualmente. Toda uma disciplina, a cibernética, pode ser definida como disciplina que trata de sistemas complexos. A teoria da informação estabelece ligação íntima entre informação e complexidade. O pensamento estrutural é resultado da preocupação com estruturas complexas. E o conceito é atualmente iluminado de muitos outros ângulos em campos numerosos demais para serem enumerados. A dúvida que pode haver é se se trata realmente de um problema novo. Pois obviamente o conceito não é novo. No contexto da física, por exemplo, ele tem história secular, e o segundo princípio da termodinâmica pode ser formulado como princípio que rege a decadência de sistemas complexos em mais simples. E também no contexto da biologia ele é antigo, e o princípio da evolução pode ser formulado como princípio que rege a transformação de sistemas simples em mais complexos. Mas os dois exemplos que dei sugerem que embora conceito antigo a complexidade é problema novo. Porque a contradição entre entropia e evolução, (seja ela real ou apenas aparente), surge na formulação que escolhi e que é uma formulação característica da atualidade. Nessa formulação a complexidade é problema, e não o é nas formulações citocentistas.

VILÉM FLUSSER

Presumirei pois ser a complexidade problema nôvo e característico da atualidade. E procurarei, neste artigo, apontar de leve apenas um dos aspectos do problema: a relação entre complexidade e fragilidade. E tal relação procurarei discutir em apenas um único campo: o do Estado enquanto sistema complexo. A tese que defenderei será esta: o Estado tende para crescente complexidade e fragilidade e já alcançou um estágio no qual é sobrevivível a impotência do Estado devido a sua complexidade, e imaginável o desaparecimento do Estado como sistema. A tese é sem dúvida radical, e mostra bem como a complexidade é problema fundamental atualmente. Se a tese, além de radical, é também sustentável, é outra questão que o leitor poderá tentar responder depois de lido este artigo.

O Estado, (com maiúsculo, como Deus), é um método de domesticar a fêra "homem", ou um método como o homem pode ser lobo do homem dentro de limites toleráveis, (isto é: tolerados ao longo da história humana). O método consiste ~~em~~ criar e impôr um sistema de regras sôbre o comportamento humano. A maneira da criação de regras, o tipo de regras, e a rigidez da sua imposição variam de Estado para Estado, e de teoria do Estado para teoria do Estado, e perfazem grande parte da política internacional, (isto é: comunicação entre Estados), e interna, (isto é: tensão dentro de um determinado Estado). Mas as diferenças entre Estados, (realizados ou apenas idealizados utópicamente), são menos importantes que dois fatores comuns a todos Estados: todos são sistemas impostos, e todos tendem para uma complexidade crescente. O fator "imposição" é um problema "eterno", (no sentido elaborado no início deste artigo). A grande maioria dos pensadores defendia e defende a tese de ser o Estado o único método para a sobrevivência da humanidade, (ou pelo menos da civilização), e de ser portanto a imposição inevitável. Muitos procuram no entanto obviar o problema da imposição pela divinização, mitologização e mistificação do Estado, por várias formas de personificação e por outros métodos que transformam para o incauto o Estado de sistema em algo a ser amado ou odiado, (outrificado). Uma pequena minoria de pensadores sempre tem defendido a tese que o Estado não é o único método para regular o comportamento e que portanto a imposição não se justifica. Estes anarquistas têm sido combatidos com o argumento que nunca na história havia estado da sociedade que não tenha sido Estado, (um argumento discutível, principalmente se considerarmos que a história da humanidade perfaz aproximadamente dois por cento da existência da humanidade). Finalmente há um terceiro grupo que professa crêr na provisoriidade do Estado e na sua tendência para o desaparecimento gradativo, mas considera tal provisoriidade inevitável e justifica assim uma imposição violenta. Mas o problema "eterno" da imposição perde de importância se comparado com o problema "nôvo" da crescente complexidade.

O problema da complexidade é nôvo, mas o conceito é antigo, e podemos distinguir duas tendências mais ou menos nítidas no passado. A primeira vê

VILÉM FLUSSER

na crescente complexidade do Estado medida de progresso, e sendo progressista, acha tal tendência boa. A outra vê a crescente complexidade do Estado como decadência de um estado de pura simplicidade, e sendo romântica, acha tal tendência nefasta. Mas que as duas opiniões do passado são anteriores à problematização da complexidade, (e portanto inútuas), os Estados Unidos o provam. Nasceram do romantismo visando o Estado simples, (desbravador, caçador, cowboy, cabana de madeira de Lincoln, Whitman etc.), e resultaram na máxima complexidade, (regularização tão totalizante e onipresente que torna ilusória toda a distinção entre o estatal e o privado). Não se deram conta estas duas opiniões do problema da complexidade, que reside justamente no fato de ser a complexidade aspecto crítico de todo sistema.

Sem poder entrar no aspecto formal, (e perfeitamente formalizável), do problema, direi que todo sistema tende, por ser sistema, para uma complexidade máxima, e, atingido o máximo, se desintegra. Ou, para recorrer à terminologia da teoria dos jogos, todo jogo tende para realizar a sua competência para depois se tornar redundante e deixar de ser jogo. E quando a complexidade máxima está sendo atingida, o sistema é dito "em crise". Pois o Estado é um sistema que está atingindo atualmente tal estágio, não enquanto este ou aquele tipo de Estado, mas enquanto sistema. Não é o Estado capitalista, ou socialista, ou neo-capitalista, que está em crise, mas é o Estado tout court que está em crise. E o problema não é o tipo de Estado, mas a complexidade que está atingindo, e que é a máxima comportável pelo Estado enquanto sistema. Que isto é fato, e não mera dedução de teorias formais, (e que, pelo contrário, o surgir dessas teorias se deve ao fato,) uma observação, por mais superficial que seja, dá a prova.

A crescente complexidade traz crescente fragilidade do sistema no seguinte sentido: torna difícil a absorção de fatores imprevistos, ("ruídos" no sentido da teoria da informação), e torna difícil circunscrever os efeitos de tais fatores. Em outras palavras: sistemas complexos tendem a ser sistemas fechados. No caso do Estado enquanto sistema, "fechado" e "totalitário" significam aproximadamente o mesmo. Por exemplo: um acidente de trânsito é absorvido com relativa facilidade em sistema pouco complexo, mas em sistema supercomplexo como o é o Estado atual, um acidente de trânsito em ponto crítico digamos de Manhattan pode não apenas fazer parar o trânsito em Manhattan, mas ainda a vida não apenas em Nova York, mas em todos os Estados Unidos. Porque o efeito de tal ator perturbador se propaga por sistemas complexos em cadeia. Pela mesma razão fatores outrora absorvidos sem grande dificuldade podem atualmente ameaçar a própria sobrevivência do sistema, como o são greves, atos de pirataria, ou falhas no sistema elétrico, de esgotos ou do fornecimento de água. A recente falha do sistema elétrico na costa oriental dos Estados Unidos é disto prova. O importante nisto é notar que a intensidade dos efeitos de tais fatores perturbadores é enormemente maior que a intensidade da causa. Sistemas complexos funcionam como amplificadores da intensidade de perturbações, de "ruídos".

VILÉM FLUSSER

O Estado é programado, enquanto sistema, a reagir à crescente dificuldade de absorção de choques devido à complexidade com ainda maior complexidade. As suas glândulas legislativas e executivas secretam constantemente torrentes de regulamentos e regras, leis e decretos, códigos, (do trânsito, de preços, civis, de importação, de concorrência etc.), afim de lubrificar os lugares de atrito. Assim se estabelece um círculo vicioso, pelo qual as complicações da complexidade resultam em maior complexidade. E uma re-programação de um Estado complexo é inimaginável, exatamente por causa da complexidade sobre-humana de tal empreendimento.

A consequência disto tudo é que a observação do funcionamento dos Estados complexos fornece uma visão do absurdo, e do extremamente cômico, não fosse a situação desesperadamente perigosa. Por exemplo: o Estado investe energia e gastos enormes para evitar crimes clássicos, (assassinato etc.), quando as mortes causadas pelo trânsito são um múltiplo das mortes por assassino, mas ao mesmo tempo financia produtores de meios de transporte, isto é fontes de morte. A juventude protesta contra genocídio clássico, como o são as guerras, quando o genocídio devido a poluição do ar adquire dimensões muito mais assustadoras, mas o Estado continua sustentando os aparelhos poluidores. Os Estados Unidos e a União Soviética estão empenhadas em corrida armamentística, inclusive com defesa balística, que envolve cifras astronômicas, quando não importa que cidade americana ou russa pode ser destruída com bombas trazidas em malas e levadas quase legalmente pela alfândega dos respectivos portos. E os exemplos do absurdo podem ser multiplicados. O absurdo máximo no entanto é este: o Estado foi projetado para tornar a vida suportável, e torna-a sempre mais insuportável. Com efeito: tanto mais insuportável, quanto mais complexo, (isto é "desenvolvido"), fôr o Estado.

O homem tem um jeito de resolver problemas. Com efeito: uma vez ~~art~~ articulado o problema, já está encaminhado para uma solução, já que não há problema sem solução, porque ^{não} tivesse solução, não seria problema. De forma que o mero fato da complexidade ser atualmente problema já autoriza a esperança para uma superação da crise. Mas é claro que não se pode nem sequer intuir qual a solução que será encontrada. Em campo nenhum no qual a complexidade é problema, e especialmente não no campo do Estado. Porque atualmente não podemos sequer imaginar um sistema ou sistemas a substituir Estados. As fantasias utópicas dos anarquistas do passado são inteiramente inadequadas, e não dispomos de outras. A não ser que a tremenda revolução que está se processando na juventude atual, especialmente nos Estados Unidos, possa ser interpretada como sintoma da solução do problema. Deus queira que assim seja, e que a solução venha antes que o colosso dos Estados supercomplexos soterrem a humanidade em seus escombros. (E a palavra Deus pode ser escrita, creio, com maiúsculo com justificativa pelo menos igual à que justifica o maiúsculo na palavra Estado).